

“As soluções são políticas”

por Ricardo Moraes
de São Paulo

dos

Desde o inicio do seminário “Em Busca do Brasil Viável” transpareceu a opinião dos vários oradores de que as soluções para as questões externa, financeira interna e social são hoje muito mais políticas do que técnicas. “As soluções políticas se sobrepõem às soluções técnicas”, enfatizou o economista Luciano Coutinho. “A questão para mim passa a ser daqui para frente única e exclusivamente política, diante da destruição de todos os nossos valores morais e éticos”, insistiu mais adiante o industrial Cláudio Bardella.

“O programa de política econômica acordado com o FMI exige um grau de ajustamento claramente excessivo e ameaça romper os limites do que se pode considerar factível dos pontos de vista social e político”, alertou Paulo Nogueira Batista Jr.

Essa postura comum referiu-se à necessidade de democratização interna. E as recentes eleições na Argentina acabaram sendo lembradas. Luciano Coutinho comparou a miopia e a insensibilidade do governo norte-americano com o processo argentino. A seu ver, a disposição de Raúl Alfonsín de proceder a uma ampla renegociação da dívida externa, a médio prazo, trará benefícios para o Brasil.

Mostrando claramente que se trata de uma opção política do governo brasileiro, André Lara Resende afirmou a necessidade de o Brasil recusar a continuação da farsa que significa, do seu



Cláudio Bardella

ponto de vista, a atual negociação com o FMI. “A iniciativa está com o Brasil”, disse, lembrando que hoje há um grau muito pequeno, limitadíssimo, de consenso entre os bancos credores. Para Resende, o FMI está perdendo credibilidade ao participar do que considera uma farsa. Os bancos europeus e os pequenos bancos norte-americanos já estariam dispostos a uma ampla renegociação, não tratando apenas da questão dos prazos de pagamento, mas também das condições dos empréstimos. “Trata-se, porém, de uma iniciativa que tem de partir do Brasil”, insistiu.

Até quando a sociedade brasileira será capaz de fazer sacrifícios sem enxergar saídas? Resende só foi capaz de lembrar que “a fronteira entre o tolerável e intolerável não é demarcada”.